TEXTÍCULOS
Férteis
Pequenos textos para grandes idéias
MAIKE CABRAL

2021

Cartigat ridendo mores.

AS BESTAS MARCADAS

No livro do Apocalipse está dito que a Besta "obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa". "Testa", num sentido simbólico, pode ser a capacidade de um homem em pensar e validar os conteúdos depositados em sua memória, ou seja, suas ideias acerca das coisas; "mão direita", seguindo a mesma linha, pode ser sua capacidade de agir deliberadamente de maneira livre, conforme seu próprio juízo e vontade.

Eis que nos dias atuais podemos notar que a "testa" e a "mão direita" do cidadão global médio é inteiramente marcada pela nova forma de viver imposta sorrateiramente pela civilização que se ergue como um grande monstro marinho em direção à terra. Não espere a "Marca da Besta" chegar, pois as bestas marcadas já estão em seu número.

ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS

Na cama, no quarto, na sala, na cozinha ou no banheiro, nos lavabos e chuveiros, eis que está ali presente. Na rua, na praça, no mercado, nos escritórios, ônibus e igrejas, eis que está ali presente. Nas roupas, nas mãos, nos pelos nasais, adentrando frestas e vitrais, eis que está ali presente. Na boca, na língua, nos pensamentos, em perdigotos momentos! eis que está ali presente. Ninguém vive, apenas morre - *qual o defunto do momento?* Procuramos nosso unguento neste horror aqui premente. Vozes gritam, gritam vozes em ouvidos pestilentos, no ar tranquilo e sereno plana a verdadeira peste a nos falar: *ele está aqui presente, mesmo que na tua mente, não nos ouse refutar*.

Assim, a presença invisível Daquele que tudo É, é substituída lentamente pela ausência visível daquele que nunca foi. Somos feitos fiéis de uma nova espécie de anjo exterminador embora jamais o tenhamos visto, sentido ou experimentado – apenas ouvido falar. E por um ato de fé inabalável! todos empedernidamente creem: *ele está no meio de nós.*

SUPERSTIÇÃO E SATISFAÇÃO

É comum vermos entre as expressões da fé o uso de sinais exteriores como cruzes, imagens, inclusive palavras repetidas muitas vezes ao longo do dia no intuito de bendizer, como: *fica com deus*; *deus te abençoe* e etc. São, de fato, dignas maneiras de dar louvor ao Deus misericordioso e benigno que nos criou, mantém e cuida, porém, se conformadas a algo chamado *Igreja*. Nossas intenções particulares nem sempre são retas e puras – chego a acreditar, quase nunca! Por esta razão devemos ter um guia, uma bússola, um mapa seguro que nos indique exatamente cada ponto da "topografia" do real, segundo direções concretas e firmes. Depender somente de nossa boa vontade é como navegar no alto mar sobre uma tampinha de garrafa.

A maneira mais eficiente de não transformar a fé em superstição sedenta por satisfação, ou seja, em paganização cristianizada, é ser conduzido pela governança segura da Igreja. Somente ela pode dar-nos a noção correta de como inserir em nossa devoção estes objetos auxiliares ao exercício da fé de maneira que não se tornem amuletos supersticiosos na mera busca da satisfação pessoal, mas sim, canais sacramentais do sobrenatural escondido - como a alma oculta no corpo - à nossa disposição para satisfazermos não nossos gostos, mas as culpas pessoais adquiridas ao longo do tempo em que satisfizemos os próprios.

A SEGURANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE

Certa dose de segurança é um dos efeitos causados pela posse da esperança. Não há ninguém esperançoso que não seja também, pelo menos em algum grau, seguro daquilo que espera. Porém, esta segurança é sempre acidental em relação a esperança, nunca essencial. É um efeito que se pode perder sem afetar em nada o ato esperançoso, por isso o ditado diz: *a esperança é última que morre*. Que tudo vá! menos ela. Mas, como nem tudo que reluz é ouro o *tolo* chega para brilhar e, junto com ele, a inversão que há de aplicar. Pela intervenção do *tolo,* a segurança desbanca hierarquicamente a esperança e, sem meias palavras, rebaixa-a à condição de simples serva ou efeito de seu seguro estar. *Devemos nos assegurar*, dizem as más línguas, *só assim poderemos gerar colateralmente uma esperança*.

De um mundo *seguro* não há muito o que se esperar, pois a esperança se alimenta de uma margem de insegurança sem a qual não pode operar.

UM LÔBREGO GENOCÍDIO

Estamos a um passo de presenciar a maior tragédia da história do homem - uma redução drástica e exponencial da população global por morte crônica acompanhada de uma incrível redução natalícia sem precedentes. Então, me pergunte: haverá uma guerra? Respondo: não como as anteriores. Desta vez a guerra não será fria nem quente, mas lôbrega. Lôbrega no sentido de seu aspecto soturno, funesto, capaz de sequer ser notada pelos sentidos ou pela inteligência. Não será sentida nem inteligida, mas sim, fingida – eu finjo que não vejo, você finge que eu não finjo. Todos irão cair neste laço do fingimento colocado bem à nossa frente, porém, na sombra total. Irão nos falar que a natureza expungiu as bactérias que causavam tanto mal; que a peste do ar evoluiu e tomou a forma de um poderoso demônio; mas nós sabemos, lá no fundo de nossa alma, a verdadeira versão dessa história. Lá na região onde reside a verdade que todos nós carregamos, saberemos: fomos abatidos, como porcos doentes, por agulhas e pistões de porcos iluminados. Nosso futuro será um paraíso que em suas instituições refletirá a soma total de todos os crimes cometidos contra a natureza do homem, e contra Deus.

Onde está o real, está o mistério.

O MEDO DE NÃO PENSAR

Sabemos muito mais coisas do que somos capazes de pensar. Pensamos muito mais coisas além daquelas que realmente sabemos. O medo da morte é a expressão de um destes pensamentos que oculta algo que sabemos sem muito esforço: nunca deixaremos de *saber*, só de *pensar*. É por esta razão que tantas pessoas fogem, como o diabo da cruz, de um certo estado de consciência chamado *contemplação*. Nela, o indivíduo após o auxílio preliminar do pensamento, adentra numa dimensão interior onde o saber se torna mais claro do que o próprio pensar; o pensar se torna tão pequeno quanto o próprio saber antes ocultado; e torna-se possível uma certa pureza de espírito necessária para não temer isto, o *não pensar*, mas sim, aquilo que sustenta o conteúdo e o ato de nosso *saber*: Deus.

O medo de não pensar é a raiz desta civilização mundana que vem sido construída ao longo dos últimos quatro séculos, pois, o *pensar*, é para ela aquilo que sustenta o conteúdo e o ato de nosso saber.

O NOVO ÍDOLO

Recorrer a Deus (ou aos deuses) sempre foi a forma ordinária utilizada pelos homens de todas as épocas para resolver aquilo que por eles mesmos não poderia ser resolvido. Mesmo que a deuses estranhos de pedra e de pau, eles nunca se furtaram a pedir auxílio ao invisível, ao extraordinário. Mesmo que a idolatria antiga, fruto da caducidade da religião natural, tenha perdido pouco a pouco sua eficácia real, ainda sim, apesar de todos os seus erros, reteve um traço de plausibilidade: a noção deste sobrenatural superior. Seus ídolos eram, na verdade, confusas expressões de experiências ancestrais que simplesmente se perverteram no tempo, mas não deixaram de ser manifestações da noção de um sobrenatural superior.

Comparar isto com o *novo ídolo* que se ergue frente a turba ignara deste século é cuspir no passado e ridicularizar estes homens que, embora enganados por demônios e forças sutis da natureza em suas ingênuas idolatrias, não eram tolos o suficiente para depositarem toda sua esperança em um artefato industrial (nada mágico!) composto de bico, canhão, embolo, cilindro, haste e bisel, comportando em seu interior uma substância totalmente duvidosa. Bem vindos à tão salubre autoimune Babilônia!

AUTO AMNÉSIA

Dizimar símbolos e memórias que evocam o passado, glorioso ou não, de um povo, é a forma mais eficaz de se extinguir o senso de pertença dos indivíduos à uma determinada cultura. Para diluir na alma individual, ou coletiva, este senso de pertença - que serve de norte à construção de sua personalidade - basta liquidar os sinais gravados no tempo de forma gradual e violenta ao passo que, neste mesmo movimento, remolde, conforme a violência das apelações revoltosas, as interpretações correntes sobre o sentido e os termos dos próprios vestígios pulverizados. Mais do que a depredação externa de um monumento memorativo, o vandalismo interno do sentido unificador e orientador das almas é o fator crucial para a destruição da própria memória coletiva, que vem a causar um efeito ainda mais nefasto: a explosão de baratas sem rumo e sem direção à procura de bueiros úmidos e grotas sujas para esconderem-se das enormes botinas promovedoras do caos que, vagantes e sem piedade, lhes hão de esmagar.

O POLVO CONTRA O POVO

Existe na cidade dos homens uma vil criatura que com seus inúmeros braços, dotados de pegajosas ventosas cifradas, solapa intermitentemente século a século a seiva natural que nos dá vida. Esta seiva natural é um dom extraordinário dado por Deus que excede sobremaneira o próprio dom da vida, ou seja, é um dom por excelência que confere existência aos demais que lhe subordinam, ontologicamente falando. E este dom é o que chamamos: *liberdade*.

Levando em consideração que o termo "povo" designa abstratamente determinado conjunto de almas individuais dotadas de liberdade, podemos então, por analogia, considerar que um povo é livre na medida em que as almas individuais que o compõe são metafisicamente livres, ou seja, capazes de exercer sua liberdade de consciência plena e verazmente. Isto nos dá uma noção aferidora do grau de salubridade deste povo, o quanto de vitalidade lhe é presente e em que direção está se movendo.

O império global fundamentado no controle total a partir de um sistema financeiro com índole comunista é esta vil criatura que se alimenta de liberdade enquanto produz escravidão, camuflado em suas mil cores de todos os tons e velado soberbamente em sua própria existência. Este é o mendaz polvo que ataca o povo naufragado, fugido da grande barca inquebrantável, única capaz de lhes conferir a verdadeira liberdade.

PERDER A SAÚDE EM NOME DA SAÚDE

É indecoroso nadar contra a maré, ainda mais quando a maré é não ser indecoroso quando o assunto é *saúde*. Não existe tema mais pudico e delicado quanto este em nosso século. Buscar, manter e poder saúde é a ânsia número um do cidadão da nova era global. Ser displicente, desinteressado e desapegado à tal benefício, um crime assaz hediondo. Chegamos ao ponto de perder a saúde em nome dela mesma; tomamos medidas absurdas em busca da profilaxia enquanto morremos por nossos próprios métodos. É o que dizia o poeta: *a melhor maneira de se conservar a saúde é não se preocupar com ela*. Eis o elixir da imunidade.

Convenhamos. Por detrás do mito da saúde jaz o demônio do medo. De um medo específico, podemos dizer: o medo da *dor*. Temer a dor é temer a desagregação dos elementos estáveis de nosso ser; temer a decomposição daquilo que está posto em certa ordem; em suma, temer a perda da segurança habitual que nos conserva. Este é o medo da dor que prenuncia e sustenta o ardor pela saúde plena e perfeita. E é este medo do desconforto fisiológico que nos leva a cometer insídias e psitacismos em busca deste estado de ser tão vulnerável, e ao mesmo tempo, tão iludível - pois como um fator constituinte da vida o perderemos irreversivelmente.

Geralmente, em busca da saúde perfeita, seguimos os *Decretos de Saint German*: pulando do último andar para a gripe não nos pegar.

O NOVO PANÓPTICO

A penitenciária ideal não tem muros, mas olhos: olhos digitais, legais, sanitários, onde o vigilante observa prisioneiros covardes enquanto calcula cada mínimo movimento de seus pensamentos, não só dos corpos. O medo da vigilância voraz induz os cativos, sem pestanejar, ao comportamento desejado.

Quando *Jeremy Bentham* idealizou o ideal de prisão, não foi capaz de prever que, na verdade, seu tipo era bastante rudimentar e ingênuo. Não bastava ser calculada para infringir a total coerção física dos penitentes, mas sim, ser "metafisicamente operante" no que tange à manutenção do controle supremo através do pensamento (ou da falta dele). Muito além do vigiar e punir de *Foucault*, que mais contribuiu para a máquina de repressão panóptica do que para a emancipação dos indivíduos, este ultra sonho diabólico, que busca tomar o posto de olho de Deus, se vê prestes a tornar-se o divino na terra, o olho do faraó, o governante mundial das almas. Os *meios de confinamento* foulcautianos não são mais tão exteriores como a família, a escola, o exército, etc. mas internos, como sentimentos, emoções, valores morais e impulsos sexuais.

O novo panóptico é a planejada instrumentalização do vômito rebelde destes pútridos revolucionários falantes unida à máxima virtualização da realidade natural através do uso da técnica e avanços da ciência prometéica. Enfim, o diabo se esconde onde a virtude dorme, mas de seu olho, só a virtude heróica se torna invisível.

OS CRIADORES DE MUNDOS

Deus criou e tirou todas as coisas do nada pela sua palavra, dizem as escrituras sagradas. Se observarmos os mitos originários de diversas culturas, notaremos que apenas o Deus judaico-cristão erigiu o mundo através de sua *palavra*. Posso estar enganado, mas não conheço algum que assim procedeu. Todos os outros, a princípio, parecem ter usado meios mais "tangíveis" que não o etéreo dizer de uma voz de comando, de uma ordem. Haja visto, a título de amostra: os deuses *maias* tentaram experimentos com matérias preexistentes; os deuses *gregos* copularam; o deus *iorubá* por intermédio de seus divinos pedacinhos; os deuses *hindus* mediante a oportunidade dada aos seres de se tornarem sencientes e por aí vai, cada qual conforme seu método peculiar.

O Deus judaico-cristão se diferencia destes supostos deuses por apenas falar, e tudo acontecer. Eis uma grande tentação para os homens, este poder fenomenal - falar e acontecer. Alguns de nosso tempo, em sua soberba e dura cerviz, creem poder o mesmo. Embora façam jus aos deuses supostos (que por intermédio de engenhos "criaram" todas as coisas) tentando à sua maneira criar um "novo mundo" através de uma fausta ciência, é através da palavra que de fato se arrogam deuses e criadores de mundos! numa tentativa clara e explícita de imitar e desbancar o verdadeiro Deus de todas as coisas.

É através da palavra que todas as coisas foram e são feitas e é através da palavra que tentarão desfazê-las.

LUPI RAPACES

Vivemos em um novo ambiente social onde todos os demônios que residem no mais obscuro porão das almas torpes emergem sedentos e raivosos em busca das vísceras dos homens livres. Este ambiente foi criado por mentalidades lupinas que nada buscam a não ser afirmarem suas doentias e distorcidas visões da realidade - ou seu contrário - para jantarem os cordeiros que desvestem no silêncio suas ilusões ensandecidas. Disfarçados de doces criaturas gentis, estes asseclas do diabo derramam seu ódio através de palavras e palavras através de cândidos discursos reprovativos que expõem os orifícios das mais profundas barafundas infernais: de lá, o enxofre exala, mas o perfume alivia...

"Eles querem enfiar a tampinha de batom onde não tem buraco a fim de sentirem o prazer que lhes falta na vida", dizia uma sensata alma à debalde. Os homens livres são livres não porque seus corpos estão dispostos a tudo poder, são livres porque suas almas entregaram ao único Senhor tudo, inclusive, qualquer poder.

UM MEIO, DIVERSAS POSSIBILIDADES

Da *roda* foram feitos diversos esquemas capazes das mais variadas possibilidades. Mas da simples idéia de *roda* jamais inferiríamos os inúmeros engenhos desenvolvidos e multiplicados que existem hoje e existirão no futuro. Da *roda*, o homem saltou de uma condição de esforço exaustivo para outra de suave empenho: cidades surgiram, veículos foram criados e o homem, assim, girou suavemente na linha do tempo colhendo frutos e desfrutes deste singelo achado de sua inteligência. Paralelamente, por intermédio da *roda*, surgiram grandes e monstruosos flagelos, guerras, armas poderosas e tecnologias incríveis que desmoronaram muitas vidas e mundos dos quais a própria roda ajudou erigir.

Se sabemos que tudo que há debaixo do sol é ambíguo e guarda um coeficiente maléfico misturado a uma fonte benigna, podemos dizer que, um *meio*, é um leque aberto para diversas possibilidades de ambos os aspectos pelo quais os homens (ou outras forças) podem exercer sua vontade. Sendo assim, como no caso da *roda*, podemos nos perguntar: onde chegaremos com estes meios de comunicação que nos fizeram suplantar o mero contato físico direto e nos jogaram numa relação quase telepática de intercâmbio de informações e idéias? Será uma nova *roda* capaz de gerar e dizimar civilizações? Ou apenas exageramos em previsões tolas incapazes de rolar aprazivelmente nas telas feitas para nos enrolar? Deixo no ar.

RESISTÊNCIA DOMÉSTICA

Toda comunidade humana tem por origem uma *casa*. Sem esta primeira forma de comunidade não haveria seu desenvolvimento complexo em sociedades, cidades e civilizações. A casa é em si uma família, um organismo natural e espiritual. Ela é um agente que cresce e se reproduz gerando, consequentemente, novas casas. Podemos dizer que ela é a sociedade celular, ou a verdadeira sociedade que dá vida e razão às sociedades organizadas de grande porte. Na medida em que, a partir das diversas casas, foram constituídas ao longo dos séculos estas sociedades organizadas de maior porte, a *casa*, enquanto tal, passou a ser gradativamente assimilada e considerada como mera fração componente de um *todo* de importância maior e quase absoluta, enquanto ela, se tornava simplesmente relativa. Isto é tão flagrante que, segundo o pensamento corrente nos tempos modernos, chegamos a ponto de tomar as sociedades organizadas a partir das casas como a razão de ser delas mesmas!

Neste processo, a casa original se secundariza cada dia mais mediante a desenvoltura de uma nova casa - a "casa maior" - construída na sala de bilhar do diabo como a excelsa civilização global pretenciosa em unificar e engolir qualquer sociedade (e todas as casas!). Jamais na história encontraremos uma civilização que secundarizasse sobremaneira a casa celular, ou seja, a verdadeira casa, no sentido em que presenciamos agora. Assim, a título de urgência, admoestamos todos os chefes destas pequenas e humildes comunidades fundantes - as casas - que, na eminência de ter sua existência suprimida e açambarcada pela "casa comum" dos infernos, resistam heróicamente à invasão inimiga, à supressão doméstica, enfim, ao golpe contra a última zona de liberdade terrena: o lar.

Vedem todas as frestas! e façam de seu lar um santuário de Deus, único capaz de dizimar as peripécias do demônio.

IMUNISMO, A RELIGIÃO DAS BESTAS

Existem dois tipos básicos de religiões: as verdadeiras e as falsas. Por verdadeiras, entendemos aquelas que, por virtude do céu, vieram ao homem para assim fazer valer o plano excelso e majestoso do Deus uni trino. Por falsas, referimo-nos a aquelas que, embora fossem em priscas eras instrumentos da destra divina, já não exercem atualmente seu estatuto de *verdadeira religião* por simples caducidade temporal; também a aquelas que, inspiradas pelo diabo, seduziram e ainda seduzem obtusos lemingues; e, enfim, a aquelas que, como frutos da mera imaginação e deliberação do homem, são instituídas como fugas sazonais em certos momentos específicos da história - geralmente ante a aterradora visão da própria ideia de religião verdadeira.

O *imunismo*, a religião das bestas, condensa estas três esferas da falsificação religiosa: o retorno às crenças falsas de religiosidades cadavéricas; a inserção em fluidos imagéticos das expertises diabólicas; e a patética construção artificial humana que oculta a verdadeira devoção. Ele veio para coroar séculos de fugas espirituais confeccionadas no tempo, no espaço e nas almas, de forma a seduzir os últimos regatos de lucidez ainda incursa. Não é uma mera convenção social, ou um novo tipo passageiro de despotismo emergente, é a genuína paródia da salvação encravada nas entranhas da terra e espalhada pelos demônios dos ares.

A nova fé se faz presente onde a velha razão se liquefaz.

PÉS DESCALÇOS, FACES COBERTAS

Os pés são símbolos da sensibilidade humana pois é sobre eles que o restante do aparato corpóreo, incluso a cabeça, símbolo das faculdades espirituais, se sustenta e move. São frágeis, proporcionados e simples, não brilham aos olhos conforme a importância devida. Quase sempre ocultos e cobertos por revestimentos ornamentais, em sua fina delicadeza precisam ser ao mesmo tempo elegantes, firmes e belos numa certa razão - pois um pé feio é aquele que não sustenta, enquanto um belo, o que sobrecarrega.

Símbolos da pureza e humildade, os pés são vistos (ou quase nunca) hodiernamente como atores coadjuvantes num teatro de faces. Estão humildemente solícitos em se imiscuir dos aplausos para o bem alheio. Os pés, assim, são servos inúteis.

Na representação dos santos são tão principais quantos os rostos dos mesmos, denotando a perfeita harmonia entre identidade e abnegação. Em suma, os pés são a vida sensível, enquanto a cabeça, personificada pela face, a vida inteligível, denotando já na patente constituição dos corpos uma hierarquia justaposta.

Quando Cristo enviou os discípulos de dois em dois para cumprirem seu desígnio, recomendou o uso de sandálias para justamente criar certa barreira entre a sensibilidade e as pedras de tropeço deste mundo na consecução da missão. Esta sandália é sua sã doutrina que, longe de debilitar a sensibilidade humana, antes a protege contra as obtusidades cortantes do caminho a ser trilhado. Mas há um detalhe: Cristo pediu que cobrissem os pés, mas não a face. Pela graciosidade de suas expressões os discípulos seriam reconhecidos como enviados deste sumo bem. Os pés não estavam descalços, os rostos não estavam cobertos.

Cobrir com a sã doutrina a sensibilidade tão frágil e exposta às agruras exteriores, ao mesmo tempo que se revela com a face límpida e reluzente a graça na qual nossa missão se sustenta e parte, é a marca de uma natureza humana sobrelevada pelo princípio de todas as coisas. Num mundo como o nosso onde os pés estão descalços, não por um martírio santo ou por uma grata humildade, mas pela imprudência devassa, vil e capciosa, será óbvio que as faces estarão cobertas - simplesmente por não revelarem mais a luz que outrora, pelos pés, foram solevadas.

MEU CACHIMBO CRISTÃO

Nós homens ao longo dos últimos séculos fomos tolhidos através da promulgação de numerosas leis positivas de diversos hábitos saudáveis que adquirimos, há muito custo, entre guerras, pestes e árduos trabalhos. O progresso dos direitos civis, que caminha de mãos dadas com o processo de supressão das liberdades individuais, contribuiu para tais perdas. De fato, não obtivemos um aumento de liberdade com a instituição de novos e numerosos direitos, antes, fomos privados, pelos punhos da lei, de muitos destes velhos hábitos que por conta de seu valor consuetudinário se chocaram, em certa medida, com estas delicadas e sagazes mãos de moça da moderna jurisprudência farisaica.

Um destes belos e saudáveis hábitos é o deleitoso tragar de um bom e perfumado tabaco. Com o avanço da ciência médica e sua peculiar sanha dogmática, este sublime hábito caiu nas raias do infame e do detestável, ao ponto de hoje ser raro ouvir alguém dizer “vamos dar uns tragos enquanto conversamos” ou “tem fogo aí?”. Isto porque, pouco a pouco, a mesma insidiosa ciência médica, através de uma macabra simbiose burocrática, se mesclou ao arsenal de leis positivas enquanto sagrasse, cada dia mais, como a religião do futuro, a salvadora deusa do bem-estar.

De avanços em avanços, a sociedade civil perde a naturalidade dos ditosos hábitos que se esvaem no ralo das excrescências jurídicas; se pulverizam nas chamas dos opróbios cotidianos da política; e contraem-se na expansão asfixiante do controle sobre o comportamento individual. Contra todo este retrocesso progressista, munido de meu cachimbo cristão, digo:

Eis aqui o duto onde escoa os sonhos fumegantes das almas livres e visionárias que observam a fumaça formosa subir aos céus como o vôo dos rebentos ao paraíso.

OS REPOLHOS PENSANTES DA HISTÓRIA

O que faríamos se não soubéssemos quem somos, o que fizemos e o que ouvimos ontem? Como agiríamos se esquecêssemos sutilmente os detalhes mais íntimos de nossas experiências fundantes, aquelas que dão substância a nossa personalidade? Onde estaríamos se não soubéssemos de onde viemos, de quem procedemos, de qual passado nos modulou e moveu? Estas perguntas são por demais perniciosas à classe de repolhos pensantes que creem na futurologia da história - que nada mais é do que encarar o passado como ficção e um futuro fictício como fato consumado.

Para essas hortaliças do saber, suprimir a história é simplesmente contá-la segundo o que ela será um dia, de frente para trás, sem ainda ter acontecido. Pura suposição e sonho. Tal inversão do pensamento exclui, *in limine*, a própria possibilidade do pensamento em relação a sua harmonia com a memória.

Nesta sanha inovadora, tal fenômeno tem como mote embrutecer a memória ativa das vítimas absorvendo seus últimos resquícios de coerência interna numa sucção quase intestinal e esvaecida que proclama uma escatológica bílis fatal do esquecimento. Inevitavelmente, prosperam a tirania do esquecimento junto a liberalidade da imaginação vadia. Eis a paródia reinante entre as sardinhas licenciadas que ministram o ensino de história nesta margem do rio caudaloso do tempo.

Nada restou das almas ensandecidas que crêem na descrença remota enquanto descrêem da própria capacidade de união entre consciência e verdade histórica. O mundo ginasiano jaz neste maligno, mas este maligno é um fruto que caiu das árvores já desnaturadas nas cabeças daqueles que principiam a vida do conhecimento, como *newtons* abobalhados. O desejo intenso de desligamento e a volúpia sádica do olhar para frente destes repolhos historicidas - como se a história fosse somente o belo dia do amanhã - precipita os infantes no abismo de uma amnésia imperativa.

As vacas mastigam enquanto há grama em seu rúmen e os repolhos pensantes privam seus pupilos enquanto não se tornam saladas. A história é perigosa e não se deve ensinar, cantarolam os currículos determinados por próceres do adultério temporal - isto porque sabem que um homem de livre consciência é perigoso por transluzir, em si, o além e o aquém. Quando conhecedor da história, este homem, além de perigoso é um devorador de repolhos.

O LABIRINTO DOS BRUXOS

A revolução socialista pela sua tradição tinha em seus primórdios como alvo, produto e matéria, a otimização de um extrato distinto da sociedade denominado genericamente como: *trabalhador*. Este signo constitutivo dos aglomerados humanos foi o núcleo agregador pelo qual todas as primevas revoluções sociais, iniciadas a partir do século XIX, se fundaram. Porém, a contribuição deste ator foi contextualmente localizada e temporalmente limitada. Em vista da pouca adesão do proletariado global ao interesse pela revolução - haja visto seu sucesso em obter as mercês de seus esforços laborais -, o clamor disruptivo da rebelião comunista descarta o então produtivo penhor de seus clames e passa a vista a outra figura, transubstanciada na própria pessoa do operário: o *recreador*.

O recreador é a evolução sequencial do sucesso material dos trabalhadores. Ele é a próprio fruto da arvore operaria, de seus esforços produtivos que mantem a sociedade econômica em movimento e ação. Este é o novo protótipo prometeico da revolução, aquele que não só trabalha, mas brinca e se diverte.

Encantar as massas e desvinculá-las de seu caráter não só produtivo, mas agregador, é a máxima da cultura de massas formada após as grandes guerras. Uma típica bruxaria tecnológica que se opera sem sentir. Sublevadas a status de libertárias em termos de consumo, a opção socialista seduz os escolhos das fabricas a uma vida de prazeres aquisitivos. É aí que sua mágica, seu embruxamento materialista tem início: nas delicías epicureas do jardim telúrio.

As sociedades culturalmente massificadas pela revolução colocaram no alto pináculo dos desejos humanos esta sede por recreação, diversão e entretenimento. Reconduziram o homem de seu estatuto de produtor estrutural de riquezas a uma condição de gozador caricatural de seus bens disponíveis nas alfétenas de mercado.

Um homem cuja a motivação primária seja recrear não irá fazer parte de nenhuma revolução, mas sua índole, sendo de tipo jubilosa, é apropriada a rebelião na medida em que se amotinará a qualquer tentativa de se lhe amputar o fruto de seu trabalho: o gozo pleno e voraz do lazer.

Eis o labirinto dos bruxos, uma brincadeira minoica onde se perde a pessoa que nele penetrou.

O